



MEU CORPO, MEU TERRITÓRIO

My body, my territory

Marta J. Zapata Chavarría¹

RESUMO

Num espaço acadêmico dominado por formalismos textuais, a arte constitui se numa revolução, assim a presente expressão artística se ergue como uma forma de diálogo entre o que pode ser entendido como fazer ciência e o lugar que as artes cênicas e performáticas podem gerar quando são colocadas em jogo no corpo de uma mulher que faz perguntas incômodas, que faz uso de um discurso que poderia parecer ininteligível e que qual borboleta, faz uma metamorfose que até chega a gerar surpresa e espanto nela mesma e no público.

Palavras-chave: Mulher, corpo, território, decolonialidade.

ABSTRACT

In an academic space dominated by textual formalisms, art constitutes a revolution, so the present artistic expression stands as a form of dialogue between what can be understood as doing science and the place that the performing and performing arts can generate when they are placed at play in the body of a woman who asks uncomfortable questions, who makes use of a speech that could seem unintelligible and which, like a butterfly, undergoes a metamorphosis that even generates surprise and astonishment in herself and in the audience.

Keywords: Woman, body, territory, decoloniality.

*“No quiero odiar lo humano,
si la música se ha creado,
si existe la poesía,
si mis sueños son inspirados,
y por otros humanxs acompañados”*

Giovana Pidone

¹ UNICAMP. E-mail: m204105@dac.unicamp.br
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



Introdução

Qual é o lugar da mulher no mundo?

O conhecimento do sul global tem validade?

As mulheres, os povos indígenas, negros e quilombolas tem pensamento?

A quem pertencem os nossos corpos?

Este texto nasceu a partir de uma peça teatral² apresentada nos seminários da disciplina Ciências Sociais e Humanas como Conhecimento Interdisciplinar do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas, no percurso do primeiro semestre de 2022 baseada nos textos de Walter Mignolo, Franz Fanon, Grada Kilomba, Donna Haraway e as músicas de Natalia Lafourcade. Assim por meio de uma série de enunciações e fotografias³ pretendo ilustrar o acontecido numa tarde de estudos de mestrado.

A ideia central da peça teatral, foi trazer um diálogo com as ideias das autoras e autores mencionados partindo de uma perspectiva artística de provocação e de colocar ao público um lugar de incomodidade, movimentada no primeiro lugar pela noção de desobediência epistêmica do Walter Mignolo (2008) quem afirma que “permaneceremos no domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrados”, e ficamos numa identidade branca, heterossexual e masculina (Mignolo, 2008). Desta forma a mulher personificada no ato teatral, como um ser de classe alta, imersa nos ideais heteronormativos: casada com um homem branco europeu, e com um visível medo dele. Além disso, esta mulher se caracteriza por não acreditar no conhecimento científico produzido no sul global, por fazer comentários racistas, que ilustram as incomodidades que o Franz Fanon e a Grada Kilomba retratam nas suas obras, afirmando por exemplo “como mulher, eu sou discriminada, assim como pessoas negra são” (Kilomba, 2021) visibilizando as práticas do feminismo branco que coloca as mulheres negras num lugar

² Ideia, atuação e direção: Marta J. Zapata Chavarria. Maquiagem e acompanhamento logístico: Mayara Sebinelli Martins, Yumi Wada Rodrigues e Renato Baeninger Grego.

³ Fotografias: Raissa Jordão de Carvalho, Marcos Machado e Marta J. Zapata Chavarria.

de invisibilidade e de subalternidade.

O preconceito

Uma mulher desprovida de conhecimento acadêmico e com abundância de dinheiro, com sede de capitalismo, de experiências mundanas, de uma vida na qual a aparência física e o status social são as prioridades; irrompe numa sala de aula de pós graduação, sem pedir licença para ninguém, falando forte e impetuosamente sobre esse local que para a sua compreensão é um hospital, porque para ela um lugar de paredes



brancas, pessoas silenciosas e espaços pouco arborizados é claramente um hospital.

Imagem 1: Mulher irrompendo numa sala de aula perguntando se esse lugar é um hospital (Foto: Marcos Machado)

Encontros/desencontros

Alguém fala para ela num tom de irônico que tem um doutor na sala, e ela se encanta, chama as pessoas para sair e mostrar ideia de projeto que fará o seu marido, um arquiteto famoso de origem europeu que está de comissão na Alemanha, “*um país verdadeiramente importante*”. Ela aproveitou para sair da sua casa já que o marido não está na cidade para controlar ela.



Imagem 2: percorrido pelo campus da Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp (Foto: Raissa Jordão de Carvalho)

A Donna Haraway no seu Manifesto das espécies companheiras traz reiteradamente a ideia da convivência entre natureza e cultura (HARAWAY, 2021) como uma crítica ao antropoceno, assim como uma forma de contrariar este tipo de pensamento, a seguinte parte da peça teatral foi desenvolvida fora da sala de aula, provocando que as pessoas que se encontravam naquele ambiente se viram na tarefa de percorrer vários espaços da Faculdade de Ciências Aplicadas, enquanto a mulher que personifiquei afirma que o projeto do seu marido contém a ideia de se fazer uma parede alta e assim as pessoas que ocupam o espaço não se aborreceram com a paisagem de fundo e nem com as situações climáticas, já que ele barrará o vento.

Terra ou asfalto?

Continuando a sua caminhada até chegar num gramado onde vai ser colocado cimento para que as pessoas não tenham que pisar em terras nem ervas daninhas. Começa a caminhar no gramado e os seus sapatos de salto alto começam a apresentar dificuldades, ela faz esforços para continuar, agora com um caminhar cada vez mais lento e atrapalhado.



Imagem 3: ocupação de um espaço vegetal (Foto: Raissa Jordão de Carvalho)

O público, que ainda não entende o que está acontecendo com esta mulher, entra no gramado, começa a perceber a diferença entre caminhar sobre o asfalto e caminhar sobre a vegetação.

Discurso próprio ou de quem?

Numa sorte de estado de embriaguez esta mulher descobre o que o público já tinha falado “*ah isso aqui é uma universidade*”. Fazendo assim um diálogo com o Franz Fanon quando afirma que os estudantes da África negra que estudam nos colégios do norte do Sahara são interpelados pelos seus colegas com perguntas de se no seu país tem eletricidade, casas ou se são antopofagos (FANON, 1961). Assim a mulher que personifico fica surpresa com a ideia de que esse lugar seja uma universidade, pois para

ela as únicas universidades do mundo estão na Europa e nos Estados Unidos.



Imagem 4: a natureza começa se manifestar (Foto: Raissa Jordão de Carvalho)

Para que uma universidade no Brasil?

vocês acham que estão fazendo ciência?

a ciência de verdade é produzida nos idiomas importantes

alemão, inglês e francês

vocês fazem algumas coisas lindas que eu já vi nos museus da Europa”.

“Que pena que a gente não pode comprar eles” ou a noção de pessoa

O quê pode se esperar de uma mulher que afirma que as pessoas são pobres porque querem? Que as mulheres têm filhos para obter benefícios financeiros do governo, e que quando olha para uma pessoa negra se lembra de ter visto um negro nas ruas da França e ficado com a vontade de comprar ele para levar na sua casa (FANNON, 1961).



Imagem 5: um olhar que discrimina e um dedo que sinala (Foto: Marcos Machado)

Metamorfose

A mãe terra não descansa até levar as suas filhas e filhos de novo no seu ventre, e foi assim como uma mulher que em aparência estava distante, terminou no chão reverenciando a *pacha mama*, as suas roupas finas começaram a lhe incomodar e quando reconheceu o seu próprio corpo viu nele a marca da ancestralidade, grafismos indígenas que representavam a força feminina nos seus braços se escuta uma música ao fundo⁴.

⁴ “Voy a crear un canto para poder existir
Para mover la tierra a los hombres y sobrevivir
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



Imagem 6: A volta para a terra (Foto: Raissa Jordão de Carvalho)

O público não consegue entender o que está acontecendo enquanto esta mulher vai ficando sensibilizada e com outras roupas deitada no chão os seus olhos enchem de lágrimas.

Comunidade

Para curar mi corazón, a la mente dejarla fluir
Para el espíritu elevar y dejarlo llegar al fin
Yo no nací sin causa
Yo no nací sin fe
Mi corazón pega fuerte
Para gritar a los que no sienten
Así perseguir a la felicidad” (LAFOURCADE, 2018)

Uma árvore de manga continha no seu centro flores silvestres de várias cores que foram chegando de uma em uma nas pessoas de um público que se tornou parte da performance de forma ativa, e folhas com canetas de cores para que as pessoas pudessem plasmar em elas o que a peça teatral movimentou em elas.



Imagem 7: uma flor como demonstração de afeto. (Foto: Raissa Jordão de Carvalho)



Imagem 8: Ilustrando o que movimentou a peça no público. (Foto: Marta J. Zapata Chavarria)

“El colonialismo va a movilizar a los pueblos africanos revelándoles la existencia de rivalidades "espirituales"” (FANON 1961), assim na parte final do ato cênico solicitei para as pessoas envolvidas no público trazer objetos e imagens que para elas tiveram um significado sagrado, assim aquelas rivalidades espirituales que para Fanon são uma clara amostra do domínio colonial, aqui foram transformadas num ponto de convergência, coabitação de modos de ser espirituais e sagradas.

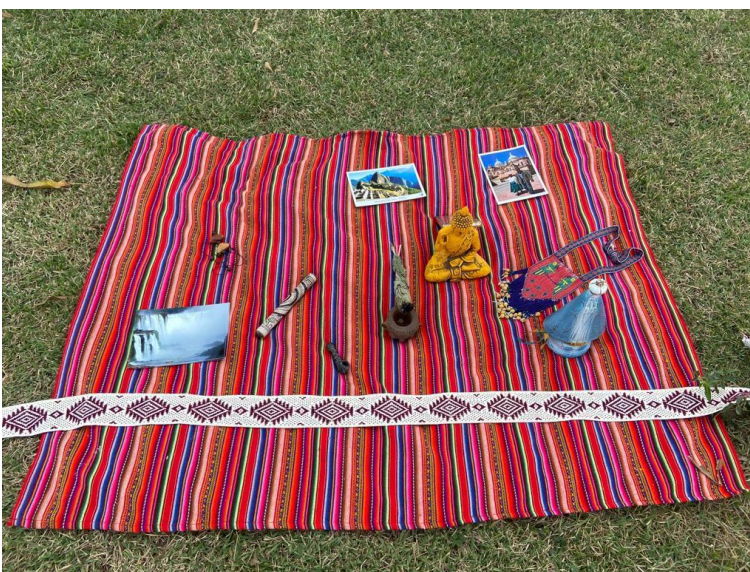


Imagem 9: o lar do sagrado (Foto: Marta J. Zapata Chavarria)

Poder da recordação com o corpo

Assim, aconteceu que o grupo de participantes -professor e estudantes- que estavam acostumados a ficar em sala de aula não conseguia sair da sombra do pé de manga, foi numa tarde de julho de 2022 na Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas. Hoje, após passados dois semestres desde aquele dia, ainda algumas pessoas comentam que todas as vezes que caminham perto de aquele pé de manga, se lembram do dia da peça de teatro e ficam com vontade de participar novamente de alguma intervenção artística naquele local aconchegante.



Imagem 10: o espaço para a recordação (Foto: Marta J. Zapata Chavarria)

REFERÊNCIAS

- FANON, Frantz. **Los condenados de la tierra**. Fondo de Cultura Económica. 1961.
- FANON, Frantz. **Piel negra máscaras blancas**. Editorial Abraxas. 1973
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o



privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, N. 5, p. 07-41. 1995.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras -Cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Tradução: Pê Moreira. Bazar do tempo. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memorias da Plantação, episódios de racismo cotidiano**. Editora de livros Cobogó. 2021

LAFOURCADE, Natalia. **Derecho de nacimiento**. Musas Vol.2. 2018

MIGNOLO, Walter. Epistemic Disobedience, Independent Thought and Decolonial Freedom. **Theory, Culture & Society**, v. 26, n.7-8, p. 159-181. 2019